

Alguns poemas premiados de Odoni Gröhs

Ao sul do outono

I

Lentamente

cada dia se esvai
ao sul do outono...

E este teu rosto opalino
morando na sombra
é o meu olhar embaçado
na frágil memória...

Recordo-me esquecendo
minhas lágrimas antigas
(silenciosos cristais)
fugiram dos meus olhos mudos
no amargor da vida
para lábios distantes
com palavras gastas...

II

Lentamente
cada dia se esvai
ao sul do outono...

E eu morro um pouco mais
no germinal da noite derradeira...

Nesta festa diária
repleta de partidas
sangrando essências
e acendendo ausências

eu já não sei mais chorar
as minhas despedidas.

“A noite veste um desconsolo imenso.”

Sonetos p. 316

Antero de Quental

“Não aprendi dizer adeus/ mas deixo você ir com
lágrimas no olhar/ se o adeus me machucar o
inverno vai passar e apagar a cicatriz.”

Canção de Joel Marques

Interpretação de Leandro e Leonar

Exílio dos passos inúteis ou a canção da sobrevivência

- 1º lugar no IV Concurso Literário Nacional da SOBRAMES - Salvador/Bahia – 1999.
- 1º lugar na Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais. Prêmio Emílio Moura - 2000

“Emerge tu recuerdo de la noche em que estoy.
El rio anuda al mar su lamento obstinado.
Abandonado como los muelles en el alba.
Es la hora de partir, oh abandonado!

(...)

De tumbo en tumbo aún llameate y cantaste.
De pie como un marino en la proa de un barco
Aún floreciste en cantos, aún rompiste en corrientes.
Oh sentina de escombros, pozo abierto y amargo”.

Una canción desesperada

Pablo Neruda, poeta chileno (1904-1973)

Ferido de ausências
volto para minha pátria.

A cidade dorme
sua inquietude íntima...
Estrangeiro errante, involuntário,
entre aromas de glicínias,
procuro em vão, nas lembranças da infância,
os meninos que brincavam comigo.

O tempo, exaurindo as horas,
desfigurou a minha face.
A memória embriagada
com o sabor das águas da chuva
já não responde aos nomes que chamo.

Sonhador de horizontes, expatriado da paisagem,
decifrando astrolábios, sou um argonauta de quimeras.
No mar da noite inaugurei meu exílio.

Entre vales e colinas
busquei retornos uterinos
invocando poetas e estrelas.
Na minha verdade, discurso poético,
(tradução de algaravia)
subjaz a palavra fraturada.
Caminhando pelas ruas passos inúteis
quero esquecer o inverno
e reviver a perdida ternura.
Não é demasiado tarde...
Livre das distâncias
tenho carências e amor.

A barca se aproxima... Embarco breve

no vento leve da esperança.
Não importa o tempo...
Já percebo a liberdade.

Prisioneiro dos caminhos
rezo nomes e recordações.
No mar que avisto na saudade,
não existe para mim porto estrangeiro.

Uma gaivota branca e solitária,
impregnada de dor e infinitos,
acompanha minha chegada
quem sabe... repartindo a solidão.

Alquimista, aprendiz do futuro,
chego silenciosamente...
Perdi a juventude, mas trago a esperança
sempre presente nos meus olhos mansos
que só os amigos sabem ler.

Não quero falar da tortura e do cárcere...
Os meus caminhos de angústia e sombra
(lança trespassando o coração)
só Deus e os meus versos
conhecem muito bem.

Sobrevivente da convulsão marítima
no oceano da censura e dos tormentos
não renunciei às notícias sonhadas.

Na tentativa inútil e telúrica
de recolher passos perdidos
coleccionando calendários.

Humildade

- Seleccionada para publicação na Antologia Florilégio Poético (volume 1). Coleção Médicos e Poesias.
- 1º lugar Concurso Nacional de Poesias - março de 2001, Universidade Estadual de Ponta Grossa - Associação Brasileira de Poetas e Escritores.
- Paineis expostos nos principais logradouros de Cuiabá.

“Tudo vale a pena
quando a alma não é pequena”
Fernando Pessoa

“*Qui se humiliat exaltabitur*”
“Quem se humilha, será exaltado”
Mateus 23,12

Conceição
varre o chão
com os pés descalços
pintados de orvalho
na terra madrugada
no mundo do trabalho.

Alegre
humilde e carente
quase nua...

Vestida em sua negritude
mas resplandecente...

Varre o chão
com seu sorriso matinal
de mediunidade.

Recolhendo sombras
varre o chão...
(esquecendo a idade)
varrendo trevas
e a saudade
(sal da idade)
na sua própria

claridade.

Auto de fé e caminhada ou a morte e vida de Donizete

3º lugar Concurso Nacional de Poesias - março de 2001
Universidade Estadual de Ponta Grossa
e Associação Brasileira de Poetas e Escritores

“Pai João secou como um pau sem raiz
Pai João vai morrer...
Há uma noite lá fora
como a pele de Pai João”.

Jorge de Lima

Médico, poeta e pintor

União dos Palmares – 23-04-1898 RJ 15-11-1953

O garimpeiro Donizete

gastou no aprendizado da existência
uma vida inteira no mundo do trabalho...

Oração nos lábios
humildade no olhar
está morto em pé.

Mercador de quimeras
no plantio das águas percorridas
remou canoas, navegou brisas...

Ordenança de poesias
na faina diária, tecendo nuvens
buscou esperanças sem endereços.

Decifrando o mundo do trabalho
plantou sonhos e colheu desempregos
matou com sombras a sede das estátuas.
Alquimista de silêncios enluarados
semeou a luz, germinou a terra
namorou mulheres e diamantes.

Desviou o leito dos rios
garimpou danças e fantasias
em velhas bateias e falsos rituais.
Afastou tempestades
ensinou rezas, benzeu feridas
colheu cana, arroz e feijão.

Provinciano de gostos e modos
Depois de uma vida no trabalho
o velho Donizete vai morrer

como um passarinho orvalhado de luas
na serenidade do adormecimento
com o breviário aberto na mão...

Exilado solar, povoado de assombros
Faminto, com febre e dor
o verso lhe habita a mente...
Timoneiro de barcos adormecidos
enche a boca de pedras
mas tem pétalas nos lábios.

O sono eterno se aproxima...

Embragado de estrelas
em canções de contar verdades
vislumbra uma seara maior
como se já não pertencesse à terra

o poeta da vida.

Confissão ou um poema cheio de presentes...

Publicada no livro *Liturgia das Palavras*
No discurso de posse na *Academia Matogrossense de Letras*

“Os homens, que não sabem a verdade das coisas,
procuram ater-se ao certo, a fim de que,
não podendo satisfazer ao intelecto com a ciência,
ao menos a vontade repouse sobre a consciência”

Da Sabedoria Poética
Giambattista Vico (1668 - 1744)

Meus filhos

o tempo consumiu
a luz da minha juventude...
No tropel do diálogo
cantando poemas de acalanto
retiro as rugas do presente
neste meu rosto feliz.

Trago nos gestos
fragmentos de oceano
e nos olhos águas-marinhas
das confidências de outros mares.

Exilado solar
sou operário da dor...
O bisturi manipulado com ternura
salvando vidas é minha espada na lapela.

Vim das lonjuras do pampa
nas asas do minuano
empurrando canoas no asfalto
curando feridas e ressacas
embriagado de lucidez
em busca do aconchego tropical.

Pisando as trilhas de Rondon
nas terras do cerrado
sou um fazendeiro de receitas...
Viaja no meu sangue
a panacéia da poesia.

Meus filhos
Em meu peito germinam topázios
e as ninfas do outono (canções do entardecer)

inebriando-me de aurora polar
são asilos de bem-querer.

No chão da minha infância
meu destino nasceu na ponta de um lápis.
Estudei. Tive sorte. Decifrei equívocos
nas impurezas do pranto.
Meus pais, lição de amor,
sacrificaram seus sonhos em favor dos meus.
No breve aprendizado da vida
revestiram minha existência de candura
ensinando-me a diferenciar
a estação das febres e das chuvas.

Na madrugada de minha adolescência
apagando rubras labaredas
em bandeiras desfraldadas
a ditadura esmurrou
na janela do meu civismo.

Por muito tempo fiquei mudo
(plangente violão de cordas rotas)

mas sem perder a lealdade
fui fraterno e amigo
nas travessias da vida.

Homem feito
gastei pétalas e raízes...
Sangrei no tempo
mas o amor sempre guardei
no chão agreste do meu peito.
Escalei dunas e corcovados
garimpei sofrimentos
e formulei cantigas (ave das árias)
em núpcias com a realidade.
no epitalâmio das vicissitudes.

Minha paixão, em forma de mãe e mulher
(resumo melhorado de mim)
dorme na luz dos meus olhos...
E planto no seu leito de amor, orquídeas todas as manhãs.
Minhas angústias e tristezas são murmúrios de brisas...
Meu futuro não tem medo ou vergonha do amanhecer.

Meus filhos

Com vocês assumi um contrato de vida:
só falamos de alegrias e verdades.
Mas não brinquem de ciranda com o arco-íris...
para que o pranto (versículo da mágoa)
não visite a janela dos seus dias.

Com o coração de roda gigante
(sol germinando esperanças e geometrias)
não me deixem povoado de assombros
conversando sozinho com a solidão fingida.
Testemunhando perdas e partidas
no caminho pungente das andanças
a florada do tempo imprevisto
explode em feridas atômicas...
Andarilho de memórias
na luz escarlata das manhãs tropicais
profeta do humanismo, exerço meus dias
superior a cânones e credos
na convicção telúrica de salvar vidas e almas.

Meus filhos

(trigo e mel da minha vida)
eu continuo sonhando novos caminhos...
O que mudou em mim
foi o meu jeito de andar
mas não ando sozinho.
Quando meu espírito desvaneceu
e meu corpo fraquejou
o Senhor me deu coragem para prosseguir.

Meus filhos

Aprendiz do futuro, um dia adormeci
filho de comerciantes
e acordei médico...
Argonauta de quimeras, um dia adormeci
pai de Letícia e André
e acordei... poeta.

Este poema é para vocês.

Estou com muita saudade...

- 1º lugar no VII Concurso Literário Internacional Mercosul da Associação Bahiana de Medicina (ABM) - Salvador/Bahia - 2000

- Publicada na Antologia do VII Prêmio Nacional Escriba de Poesia de Piracicaba São Paulo - 2000

Estou com muita saudade de ter pai...

"Saudade! és a ressonância / De
uma cantiga sentida, / Que,
embalando a nossa infância, /
Nos segue por toda a vida!"

Pandora, p. 83
Da Costa e Silva.

Hoje
quando a solidão visita meus calendários
e o brilho do teu olhar se esvai em fatias de lua
aperçaminhando minha face com sortilégios.

Agora
quando a canície do tempo visita meus dias
e os meus passos ficaram edemaciados
pelos caminhos da existência.

Minha alma
fragmento de cristais
distante dos filhos
também tem saudade de ser pai.

Estou com muita saudade de ter pai

Sentar à mesa e ouvir os teus conselhos.
A tua ausência
com saudade de voltar para o corpo
sou eu conversando com meus filhos
a refletir o tempo na miragem dos espelhos.

Estou com muita saudade de ter pai...

Falar das tuas canções preferidas
acariciar tua presença
abrandar tuas mágoas
sentar no teu colo
falar sem dizer palavras
e penetrar teus olhos de amêndoas
na viagem de retorno à infância.

Estou com muita saudade de ter pai...

Beijar a tua face
afastar as angústias
e penetrar na tua alma
para esconder minhas lágrimas.

Agora
quando os meus cabelos brancos
frutificam a tua herança
outonando a minha vida
na perplexidade eterna de criança
tenho saudade da tua presença
(casa hospitaleira)
beijo de luz na chama do tempo.

Estou com muita saudade de ter pai...

Ouvir tocando a tua flauta e antigas recordações
contando estórias do meu avô.

Pai
A dor da tua ausência
anônima dentro da noite
é um martírio maior que a tortura da carne.

Hoje
carpindo esperanças
(heranças/lembranças)
plantando filhos
com sonhos imaculados
(arco-íris dentro da noite)
estou acordado em ti.
Pena que entre as minhas rugas e as tuas
ressuscitando decifrações do convívio
há uma carícia não concretizada.

Estou com muita saudade de ter pai...

Rebelde de um mundo esquecido
contigo pisei um chão de esmeraldas
e sem a tua presença me perdi de mim.

Em vão esperei o teu retorno
depois da telúrica travessia.
Voltar é sempre partir para um outro lugar...
Quem sabe agora,
timoneiro em alto mar,
a navegar-me nos braços
guiando o leme da minha existência
e outra vez me ensinando a nadar.

Nós somos face da mesma moldura
Estou com muita saudade de ter pai...

Desiderato

“Não!
(suspirou dona Flor)”
Dona Flor e seus dois maridos
Jorge Amado

Eu queria te mostrar
as arestas penetrantes dos seixos modelando águas
mas o sangrar da solidão e da mágoa
não!

Eu queria te mostrar
o mar transbordando túrgidas marés em vão
mas a terra expelida em ígnea convulsão
não!

Eu queria te mostrar
a sombra de uma alegria no íntimo guardada
mas as lágrimas da dor, vertidas ao som do fado
não!

Eu queria te mostrar
o travesso colibri ruflando as asas no server do néctar
mas a tristeza do jasmim em torno de uma rosa em botão
não!

Eu queria te mostrar
a estranha lira suspirando enamorada flébil ária
mas a perfídia que fulgura o sol do amor na mocidade
não!

Eu queria te mostrar
a miragem da esperança feita de espinhos em abissal trajetória
mas os fantasmas imperecíveis da loucura mundana
não!

Eu queria te mostrar
o caminho da luz num céu ledo vencendo madrugadas
mas o pranto dos meus martírios sem guarida
não!

Eu queria te mostrar
a precipitação de uma cascata no curso apático de um rio
mas o segredo que em mim desata em repentino arrepio
não!

Eu queria te mostrar
o meu canto gemendo endechas musicais ao luar
mas os risos falsos e os prantos cheios de trevas
não!

Eu queria te mostrar
no timão, as novas rotas astrolábicas navegando... navegando...
mas a saudade de chorar sorrindo... ou de sorrir chorando
não!

Elegia sem luto

"A alma, em gotas mansas, /
Chora, abismada no luto / Das minhas desesperanças."
Estrela da Vida Inteira p. 18
Manuel Bandeira

A vida tem a marcha letal
da fugacidade das estrelas...

Em vimes de berço antigo
frágil como a alegria
na paz de brancos lençóis
tive a minha primeira noite.

Visitei a noite no trampolim da infância
descobri a noite no sol da adolescência
quando lábios de carmim pela primeira vez
habitaram a minha discreta solidão...

Visitei a noite nupcial
com linfas, marzipan e mel
germinando fogo e água no ventre
em dunas carnavais refletindo chamas e ardores.

Visitei a noite
viúva no porvir da manhã
vertendo terras, buscando pólen
na convulsão febril da travessia...

Afastando falsos paramentos
adejando mutiladas pilastras
na convenção dos relógios
memorizei antigos calendários...

Hoje, liberta dos gestos e deveres
vencendo o dia crepuscular
buscando a antevisão da aurora

Visitarei a noite derradeira.

Viagens

Colecionando passos ao sol
envolvido nas nuvens
com
rumos incertos
purifico a alma cansada.

Colecionando passos no tempo
desenhos na primavera da aura
com
sede cósmica
busco notícias da vida.

Colecionando passos na areia
exercício na raiz da escalada
com
sentimentos indormidos
teço a arquitetura do amor.

Colecionando passos na sombra
velas embalando ausências
com
argamassas do sonho
germino a cicatriz da carícia.

Colecionando passos na água
destino jamais percorrido
com
intermitentes magias
materializo a textura do mar.

Colecionando passos na vida
luneta na face das horas
com
o sal dos caminhos

imagino um andar mais amargo que o meu.

"Não quero a negra desnuda. Não quero o baú do morto. Eu quero o mapa das nuvens e um barco bem vagaroso."

Mario Quintana

Alegrete, RS. 30-07-1906

Porto Alegre, RS 05-05-1994

"Mas um dia ainda hei de ir, sem me importar para onde o ir me levará"

Clarice Lispector.

"Quem elegeu a busca, não pode recusar a travessia."

João Guimarães Rosa

Instantes

"A vida é um instante entre duas eternidades."

*Santa Terezinha do Menino Jesus,
Freira Carmelita Francesa. (1873 – 1897).*

Perdi a chave
a gaveta
a cama e a casa.

Violentei o ar
a água
o verde e o chão.

Esqueci a saudade
com gengibre nos lábios
e raízes plantadas no pomar da janela

a dor
com um verso inacabado em misterioso idioma
no cálice que não pode ser afastado ou consumido

o amor
na seara das lembranças acampadas
com laivos da felicidade nunca alcançada.

Achei na tarde tristonha dos dias
ressuscitando sonhos que não escolhi
guardado no fundo do espelho

um rosto jovem que não me pertence...

No domingo um poema no céu ou a geometria da pipa

2º lugar no Congresso Internacional da União de Médicos Escritores e Artistas Lusófonos
(UMEAL) - Salvador/Bahia - 1997

“O menino da pandorga parou de brincar. Os olhos
eram dois espantos negros. Deixei que me olhasse...
Que visse as lágrimas. A pandorga subia. Viajei
com ela para a infância”.

Lila Ripoll

Premio Neruda da paz

*Da Academia Brasileira de Letras
Quaraí, RS 1905 – Proto Alegre 1967*

O menino pandorgueiro

empina a pipa de papel
ignorando os limites do muro
ultrapassando telhados, fios de alta tensão
desconhecendo na mítica avalanche
os ventos de repiquetes.

Acastelado na areia
navega na sua pandorga
(papagaio hexagonal de papel)
projetando torres no ar
e plantando alicerces no espaço.

A pipa sobe penipotente
singrando mares sazonais
festejando as alturas
peregrinando círculos
rouxinoleando explícita
bebendo ventos em convulsão...

No chão a alma do moleque delira
na dança sensual da bailarina alada
presa no carretel da corda estendida
comovendo visões e cortando as mãos.

A imagem do menino se transfigura
transcendendo em nuvens
a sua febre de vagueios
arroubo da vida plena
na destreza do destino.

Pássaro de plumagem tricolor
a pipa abisma vórtices
conduzida no passeio nupcial
vencendo as duras fragas
arpoando os olhos de fascinação
no casamento aéreo sem edital.

Pássaro livre
pardal, curió ou tiê-sangue
que alonga a carne, o espírito e os sonhos
embalando a infância nas asas do espaço
enquanto o vento quebra nas esquinas.

A pipa em cavalgada lírica
dança, embaralha, plana
passeia, gira e mansa cai
em mágica excursão que reluz
impulsionando no vazio
o seu canto que silva em vôo
ssss....como nervosas cigarras
dispersas pelo azul em fora.

O pássaro-pipa ausculta
seu coração nas mãos do menino
(antes de retornar
para se entregar na relva)
gargalhando verbos e ventos
como uma mulher prognata beijando o sol.

Para o menino-moleque
a pandorga-pipa-pássaro
tremulando palavras de um violino
garbosa em seu passeio celeste
no domingo matinal

é um poema no céu.

Iconoclasta

**“Houve uma história que escrevi com prantos,
Ai! tantos! tantos, que chorei então...
Página aberta aos vendavais da vida,
Folha perdida de um romance em vão”.**

*Francisco Lobo da Costa
Pelotas – 1853 - 1888*

Contigo

preparei minha longa caminhada
formei usufrutuárias invernadas
fugindo da mentira dos ressábios
pintando horizontes de astrolábios.

Contigo

colhi na amplidão nuvens acopladas
cultivei expectativas sepultadas
buscando novas visões e quimeras
no cosmopolitismo de outras eras.

Mas madrugaram na minha experiência
os laudos dúbios da tua convivência
exaurindo de mim todos presságios.

Os suplícios de Tântalo e da descrença
mudaram plenamente essa existência
num beijo de fatal... itinerário.

Nosso amor

igual a mirra nos turibulários
ficou silente em lúrido sacrário.

Exorcizando estilos tão estranhos...
fiz-me iconoclasta dos meus próprios sonhos.

Decálogo do paradoxo

“Uma lembrança feliz é, talvez, na terra, mais verdadeira que a felicidade.”

Alfred Louis Charles de Musset

O mais clássico dos românticos e o mais romântico dos clássicos.

Paris - 11-12-1810 – 02-05-1857

I

Há emoção que imaginada
é maior que a realidade sentida

II

Há alegria que celebrada
é maior que a felicidade merecida

III

Há pranto que contido
é maior que o choro derramado

IV

Há abraço que não alcançado
é maior que o gesto prometido

V

Há dor que absorvida
é maior que a doença anunciada

VI

Há grito que na garganta sufocado
é maior que o discurso inflamado

VII

Há angústia que antecipada
é maior que a desgraça sofrida

VIII

Há tempo que não sendo passado
é maior que a lembrança remoída

IX

Há verdade que bem vivida
é maior que o sermão proclamado

X

Há solidão que não dividida
é maior que a morte repartida.

O exercício da fé ou instrução para não chorar

**“Quando o homem sublima as coisas,
nascem os deuses pagãos; quando
sublima o semelhante, nasce Cristo”.**

Diário IX p.45

Miguel Torga

1907 – 1995, Coimbra, Portugal

Minha querida amiga, irmã de alma ferida
Suporta em paz, calada, a cruz que te aguilhoa
Buscando a fé perdida, conforta e perdoa
Neste caminho longo anunciando partidas.

Mesmo infeliz um dia serás recompensada...
Conserva tua pureza. Canta novas loas
Confia e mantêm excelsa tua nobre coroa
No amor sublime que te fecunda abençoada.

Ao rumor do bafejo, quérulo cicio
Reparte só o bem que na vida te cobriu
Sob o palor febril do sol que te governa...

Pois encontrando Deus no final da cruzada
Serás canoro pássaro de asa outonada
Na compaixão imortal de luz, da vida eterna.

Ciranda do tempo ou lirismo terminal

3º lugar no VI Concurso Literário Internacional da Associação Bahiana de Medicina
(ABM) - Salvador/Bahia - 1999

Para Letícia
coleccionando avencas ao amanhecer

Recolhida

estavas
no verde dos teus olhos
quando inocente e distraído
pelo instante do transitório
cheguei para ficar
no verde dos teus sonhos.

Tua alma

*equação de incógnitas alvinitentes
abrigo dos meus naufrágios e perdas*

*é o meu refúgio de aconchegos
lira febricitante habitando a minha dor.*

Perdida

estavas
no azul do teu vestido
quando descrente e silencioso
sem gastos e gestos
cheguei para habitar
o azul da tua solidão.

Tua alma

*asilo dos meus passos sinuosos
percorrendo rochas indecifráveis*

*é a minha lucidez diáfana
arcoirizando meus pensamentos castos.*

Protegida

estavas
no vermelho dos teus lábios
quando sangrando na explosão dos amantes
à sombra das tocaias
cheguei para permanecer
no vermelho do teu pudor.

Tua alma

*veleiro exilado nas vagas espumantes
singrando oceanos em quérulo rumor*

*é o agasalho dos meus delírios (acordadas cicatrizes)
de velas enfunadas procurando portos.*

Escondida

no branco da tua pureza

estavas

*quando sorrateiro e desarmado
via-láctea povoada de cactos
cheguei para morar*

no branco da tua paz.

Tua alma

*atravessando planuras e abandonos
em lúdicos territórios do cotidiano*

*é na feição adolescente
a essência maviosa do açai sazonado
e o poder do seixo vencendo águas móveis.*

Vencida

no preto dos teus cabelos

estavas

*quando orvalhado de canções e crepúsculos
semeando girassóis e violando cores
cheguei para te acompanhar*

amanhecendo a noite.

Tua alma

*na intimidade da convivência
aroma de inebriantes florais*

*é ao sul do meu outono
um vinho frutado de framboesas
no lirismo terminal da minha vida.*

No exercício da morte sonhar é o meu ofício

1º lugar no Concurso Literário Nacional (Encontro Baiano de Médicos Escritores e Artistas) da 1ª Jornada da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores - 2001

Os meus passos se dissolvem em astrolábios e lunetas...
Os braços que me enlaçavam, já não são os que me levam.
Circunavegando o Jardim das Hespérides que não conheço
leve é o anil dos meus olhos perdidos num tropel de enigmas.

Crer não é compreender tudo...

Mas quem é esse que assim dorme desatento dos abrolhos
enquanto num sardonismo doloroso de amargura
outro vem carpindo delíquios, lacrimejando abraços e pesares
preparando um morto para as indesejáveis exéquias
sob o plangente desconforto das bachianas?

Subvertendo expectativas e vaticínios proféticos
quanto tempo ainda esperarei para o que não me foi dado viver?
Centelha celular do amanhecer, haverá sempre alguém
que me dê um pouco do seu lenitivo pranto até que me julgue definitivamente morto...

Ah! como viver sem o sentimento arquiteto das águas filtrando o cristal das lágrimas?

Recém-chegado a paisagem da paz, levitando no avatar de estranha criptografia,
braços com excessos humanos a destilar ausências
quem me receberá no Orbe inaugural que não pressinto
e que está escondido, em álaque mudez, atrás do dia?

Sonâmbulo escultor do íntimo extravio, já não existem caminhos para a minha viagem...

Cresco além de mim mesmo e não me encontro, senão no que não tenho,
mas existe no mais fundo da carne. E me tortura.

Desfeito da emprestada vida, reencontro latitudes com matizes da angústia finissecular...

O poliedro do Tempo, onde dorme a aurora, com seus pungentes e rumorosos ardis
sorratamente voraz (com áspera e amarga fome) vai digerindo tudo.

Sob a obsessão do efêmero, habitando as fímbrias do mineral silêncio
fátuo ou perene, aceno com meus dedos mortos aos que não estão.

Que riso frisa-me a boca alucinada e lacera dilacerando essa dor adormecida e desesperada?

Ah, por favor, neste trânsito do transe, de ser minuto e eternidade, não me digam nada...

Mas quem dos indivisíveis manes reconstrói alfombras na epiderme dos ausentes
se a Eternidade com seus sortilégios consome vozes aliciantes
e no paul da minha transfiguração encontro a antevisão da alma?

Tivesse eu recolhido a chuva e o granizo de outros dias
não seria frágil o meu canto na desolação de um descampado.

E os meus passos de andarilho, cruzando dunas e ladeiras,
rompendo cadeados no ranger de portas invisíveis,
retornariam à vida os mortos que contém infâncias
ferindo a superfície da solidão -- que não esta humana.

Devassando máscaras, vou descer ao chão os que cruzaram comigo searas e queixumes

E tecendo suplícios e antífonas (épicas árias) em pânico desvairado
vou como insensatos acorrentados

que clamam pela doce morte, amargamente que já lhes veio.

Desde sempre anunciado, evasão e permanência,
meu coração malferido na inesperada liturgia
(recolhendo acordes que tanger de uma harpa submersa)
espreita uma grande sala onde mortos cochilam
enquanto demônios transportam presenças confinadas
em candeias ensandecidas para o tridente facho abismal dos finados.

Em buscas invisíveis de memórias adormecidas abro janelas que se vão ao vento...

Procuro Deus: o que não se revela e está em mim, tantas vezes deslembrado.

Caminho luminoso e sombra iluminada. Noite diurna onde estamos todos.

A vida é um sulco efêmero de estrela que cai... tão longa a eternidade.

Tento decifrar-me num espanto de esfinge que foi e persiste ainda. Mas o que dói é esta vigília,
longa insônia, na esperança do sono imortal (da quimera de estar ou mesmo ir).

De quanto tempo é feita a sala de espera que medeia entre o ser e o espírito?

Espreitando soturnos corredores babélicos da ofídia nefasta
num corcel alado deixo-me levar nas auras de góticas cordilheiras
indicando miríades que, embora cego, posso distinguir na cerração.

Que febre me precipita para um vale que não vejo? Sou sombra imersa em constelação.

Estou sob a paz de um sol ausente e cuja luz, mais do que nunca, amanhece.

Não carrego identidade e nenhum objeto. São utensílios desnecessários que não se permitem.

Estranho encantamento estou acompanhado de poetas, profetas, centuriões, médicos,
visionários, mutilados, leprosos, santos, hebreus e muçulmanos. Ascetas e insanos.

Aqui, as moedas nada valem...

e as amulhetas medievais da solitude meridiana marcam outro tempo.

Quem ainda num assombro liliputiano dentro em nós caminha?

Aqui onde estou não há mais cidades antigas,
civilizações destruídas, palácios régios, imponentes mausoléus.
E os mortos de dez mil anos têm a idade dos que morreram hoje.

Cristo é meu vizinho.

Sem a atônita amargura telúrica do horto e pés transfixados,
por sua luminescência (presença diáfana), consigo ver a Face.

Hermeneuta de amavios, para falar do amor,

(simbiose dos opostos) preciso de um outro plano. Aflitivo itinerário
que me ensine a exegese das falácias e desenganos na cicatriz das carícias.

Quando a alma solitária avança um passo... a haste gêmea, não consegue ser compasso.

E... estes espectros ceráceos, efêmeros e incorpóreos, que me contemplam
no desvão que eu não conheço, novos de treva e claridade,
assim estranhamente, tão ausentes como eu?

Descubro cartografias barrocas sem bússolas e sextantes.

Anoitecido pervago salas de móveis escuros
cheias de pressentimentos e que não me acolhem mais.

Na prismática decomposição do sol e das madrugadas
meus netos debruçados sobre fotografias, me contemplam mudo num convívio e delírio atávico.
Mas quem são eles que me chamam numa outra casa, outra cidade, outra vida. Diverso mundo?

A dor de uma ausência que se traz... é um martírio que nunca se desfaz.

Estou em diferente feudo. Anacoreta escrevo silêncios em sílabas maceradas.

Minha presença acalentada, na cal das rotas, sobrepairando vestígios,
é uma brisa desesperada profanando saudade e idiomas.

Lívido argonauta, vagando o limbo das expectativas,

no estremecimento do indivisível, acolho e recolho a solidão de Deus
nesta frágil eternidade da existência humana.

Abarcando pensamentos agrestes e anasarcas agonias
busco verbenas e nardos, acordados entre as sebes, despetalando perfumes.

A cama... em que descansei já se esvai em perdidos olores...

E aquela mesa da minha ceia derradeira em que eu não estive
saudosamente recorde com todos pormenores...

Mistério que ilumina a obscuridade, permanecer na morte é estar na luz.

Desejo rouco de tantos gritos surdos, inútil é chamar aos túmulos febricitantes...

Subversivo do evangelho, o sal da minha fé era insípido

Nos umbrais da vida, a cremação foi meu último fadário...

Minhas cinzas foram jogadas nos vergéis da arena olímpica
dissimulando a louçã dos desejos (estertores talvez),

de incorporar-me ao riso azulomérico da sinfonia de irmãos,
argamassando palavras e desfraldando sons.

Estuário de bonanças, vertigem de estrelas fugidias
nesta lactescência nebulosa, onde está a minha vida que não cessa

A vida em que estou e que não é essa?

No Nirvana do lume intemporal, em verdade eu tenho pena é dos que ainda não morreram!

Contrato de convivência

2º lugar no III Concurso Literário Nacional da Sociedade Brasileira de Médicos

Escritores SOBRAMES - Bahia - 1998

Publicada na Antologia "Caleidoscópio" da ABM 1999

"Aonde tu fores eu irei, onde habitares eu habitarei. O teu povo será o meu povo, e o teu Deus é o meu Deus. O Senhor trate-me com todo o rigor se outra coisa a não ser a morte, me separar de ti."

Rute 1:16-17

Fica ajustado
que virás comigo, nada trazendo de teu,
além da sabedoria, da ledice e do amor

que construiremos nossos projetos de convívio
na linguagem do respeito e da cumplicidade.

Fica ajustado
que esta casa onde começa nosso idílio
é patrimônio de longos devaneios e riscos

que nosso vínculo edificado no entendimento e na alegria
não será eclipsado pela adversidade do tempo.

Fica ajustado
que teremos filhos e os protegeremos na caminhada
das veredas enganosas e dos pântanos da dor e da aflição

que nossas almas-gêmeas, enlaçadas em rituais de volúpia
fecundarão nossas horas com poesias e bem-estar.

Fica ajustado
que nossos cânticos não terão dissonâncias
e as tuas perguntas responderei com vigílias e magias

que nos abrigaremos das chuvas estivais e das flores violadas
e tão somente nossos sonhos serão frutos oriundos no silêncio.

Fica ajustado
que jamais exercerás censura sobre os meus versos
e colherás, com ternura, meus poemas, todas as manhãs.

que na saúde, brincaremos como dois felizes adolescentes
e no infortúnio da doença, acolheremos um ao outro, com
paciência.

Fica ajustado
que onde eu for levarei sinais do teu corpo em mim marcados,

ofertas com carinho inconsumível de compromissos e certezas
que diremos um ao outro verdades concebidas sem pecados
e pelos olhos saberemos o que cada um diz sem palavras.

Fica ajustado
que conjugaremos devoção e indultos em nosso entendimento
e, nas dúvidas, buscaremos sempre a paz mesmo nas coisas elementares

que unidos nas aparências, seremos a harmonia dos contrários
emprestando pureza e fidelidade ao nosso canto de afeição.

Fica ajustado
que este contrato deverá durar a eternidade do nosso lirismo
mesmo que na sua vigência o efêmero ou as vicissitudes imponderável
conspirem
contra esta convivência.

Revogam-se as disposições ao contrário.

Anúncio não classificado

Menção Honrosa no V Prêmio Nacional Escriba de Poesia - Piracicaba/SP - 1998
Menção Honrosa no Prêmio "Mutirão de Poesia" SRR Editor Porto Alegre/RS - 1998

*"Precisam-se de apaixonados
no final deste século..."*

*"Precisávamos de um empregado..."
Um Buquê de Alcachofra p. 27
Maria Julieta Drummond de Andrade*

Precisa-se de um amigo
que
tenha tempo no final do dia
para comentar a realidade
das simples e pequenas coisas...

Precisa-se de um poeta
que
na quadratura maviosa da lira
com cumplicidade e infenso à rima
faça versos de contar verdades...

Precisa-se de um homem
que
consciente escultor de paisagens
projetando vestígios de inocência
não perca a pureza de menino...

Precisa-se de um amor
que
fecundando abraços
sepulte melancolias e silêncios
em canções no âmago da noite...

Precisa-se de um pai
que
distribuindo paz e amor
soletre versões de acalanto
em alfabetos de uma letra só...

Precisa-se de uma mãe
que
tenha ternura e placidez no coração
ensinando mantras e canduras
na maternidade constante dos olhos...

Precisa-se de um avô
que

além do tempo e da distância
acenda caminhos e estórias
de saudade devolvendo infâncias...

Precisa-se de um filho
que
diminuindo passos largos
abrigue na sua pressa adolescente
um pouco da paterna experiência...

Precisa-se de um anjo (da guarda)
que
sabendo endereço e telefone
conheça todos os mandamentos
e escrituras do presente e passado...

Precisa-se de uma cidade
que
não sendo labirinto de concreto
seja abrigo e refúgio, berço e sepultura
peregrinação de uma vida inteira...

Precisa-se de um Deus
que
(sendo pai e não juiz)
aceite interrogações de sincretismo religioso
acolhendo, por inteiro, com pecados e mentiras

Seu filho na hora prima da paz derradeira...

O improviso da dor ou o aprendizado das lágrimas

1º lugar no V Concurso Literário Nacional da Associação Bahiana de Medicina - 1998
Publicada na Antologia Poética "Menino de Rua" SRR Editor - Porto Alegre/RS

"Encontrou-se na calçada, a pisar as pedras que lhe magoavam os pés macios"
Carnaval e outros contos p. 119
Joaquim Paço d'Arcos

O menino de rua
de olhos mansos
com a cor da noite
não brincou de roda...
As crianças que brincavam numa roda viva
de bailados vãos
de canções festivas
segregaram o menino pobre.
O menino de rua
de olhos mansos
com a cor da noite
não brincou de roda...
Com o olhar parado
vadiando sem pecar
ficou calado num choro de fíbio flautim
aturdido, enchendo a rua de pernas
com a voz branca da fome
silenciando mágoas
na ousadia diária
do aprendizado de morrer.

O menino de rua
escondido em nuvens de chão
recolheu-se como um pássaro empalhado
descansando sua mágoa
no frio da noite em nudez de fogo.
Embragado de dor (coração descoberto)
espera o secreto caminho da migração...
Nas profundezas da memória
sonha com pedaços de céu
ou com migalhas de pão.

Seus olhos jardinados
que não conhecem ternuras e calendários
procuram espelhos com vitrines de brinquedos
gritando luas no hábito da solidão.

Seu rosto nunca foi beijado
mas não lhe foi proibido
sonhar com roupas e bicicletas,
anéis, relógios e fotografias...
Dorme num banco da praça
em cobertas de papéis com auroras mutiladas
ao lado de mendigos anônimos
que lhe emprestam a brandura da paz.

É um anjo chorando dentro da noite
seus fragmentos de menino.
A procura de um lar
busca o ventre materno
que só alcançará no silêncio da morte.

Cercado de deuses e muros
coleccionador de abandonos
tem medo de queros escuros.
Entre fadas e gnomos
recolhe nas noites
com bandeiras negras da dor humana
formigas de sal e punhais de febre...

O menino de rua
de olhos mansos
com a cor da noite
não brincou de roda...

Filho das estrelas, do vento e das chuvas
mora no meu país tropical
e morre antes de ser gente
tão frequentemente
que vira lua nova.

Os outros meninos
que brincavam numa roda viva
de bailados vãos
de canções festivas
desconhecem a cor da fome...

Quando a dor da solidão
(tropol de afeições)
visita o menino de rua
a tristeza lhe rasga tão cruelmente a alma
que desaparecem todos os sonhos.

Amor escuso

“Será sempre um erro de perspectiva querer explicar a vida de um poeta pelos seus versos. Ou vice-versa.. Os versos revelam o seu eu profundo; e não a sua vida.”
Literatura e Vida Literária p. 40

O flamboiaia se soubesse,
da minha solidão nada diria...

No horizonte
(maior que os meus olhos)
estou repartido de perfídias
na incerteza dos conflitos...

Meus lábios brancos de abandonos
na luz alabastrina
guardam segretos sentimentos.

Minha aflição rouca
escalavrando a garganta
na urgência de urgir
não sabe gritar.

Na solidão sou muitos...

Reverberando signos, sintomas e simulações
renitente dedilho no alaúde
falsos fados
gestos gastos
(parcelas de procelas)
naufrágios de lirismo.

A dor fere, fende, forja minha desventura
abrevio o passo
restauro o traço
desfaço o laço.

Mudo medo medra em mim
parteando desencontros
suavizo a zanga
liberto a canga
aparto a ganga

Se me omito e me torno mudo
mato o mito que se mostra em mim
quero esquecer
amor escuso
cartas suicidas

versos inúteis
diário clandestino
falsas memórias...

Desfolho malmequeres por ínvios caminhos
na beira da estrada
adormeço a espera
do sonho e do sono
que não tem mais fim.

No final dos meus dias
o flamboiaia, se soubesse, nada diria... de mim!

Louvação ao homem normal

Poesia selecionada para os Anais do XVII Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores - São Paulo/SP - 1998

“Oh! vós que pedis pouco à vida que dá muito
E erigis a esperança em bandeira aguerrida
sem saber que a esperança
é um simples dom da vida
E tanto mais
porque é um dom público e gratuito”
Carta aos Puros p. 312
A lua de Montevideú
Vinicius de Moraes

Bem aventurados

os homens normais
os que dizem bom dia ao nascer da aurora
os cheios de amor e cansaço que conversam com os filhos ensinando caminhos
os que festejam cada dia da peregrinação como se fosse o aniversário da maioridade.

Bem ditosos

os que, olho no olho, falam de frente, iluminando convivências
os que andam de bermudas soletrando descansos
os pescadores, os pecadores veniais e os inúteis poetas.

Felizes

os que estudam anatomia nas pernas, cheias de saltos, das mulheres bonitas.
os que fumaram junto da mulher amada centenas de cigarros lentamente
e rapidamente deixaram de fumar mas conservaram a amada
os que gostam de futebol (linguagem de arabescos para florescer no gol)
os torcedores do Grêmio, Flamengo, Coríntians
os contadores de estórias
e os que devolvem livros emprestados.

Afortunados

os que sabem sorrir com a felicidade do próximo
os que gostam de passarinhos e despertam com seus cantos
os que conversam com as flores...
os que plantam orquídeas e begônias
os que cuidam de alçapões com jasmims
e os que colecionam relógios e moedas.

Bem-aventurados

os homens normais

os que jogam cartas, lêem jornais e bebem cerveja,
os olhadores de vitrines e os viciados em crepúsculos
os que assobiam, viajam, telefonam, escutam rádio
sem nunca tirar os pés do chão da meninice.

Ditosos

os que confiam no ginecologista, os que cuidam da pressão arterial
e os que não tem medo de toque prostático
os que tem um amigo, sempre de plantão, para contar confidências
os que conversam com os animais
e os políglotas que, acima de tudo, falam o esperanto da verdade.

Bem aventurados

os filhos que amenizam as cicatrizes do passado
não acentuando as rugas do presente.

Os perfumes da mulher amada trescalando fragrâncias
nas camas repartidas.

as mãos generosas que me vão vestir pela última vez
e colocar-me com pesar, na urna definitiva.

e os conformados com as ausências sem morrer de melancolia.

Bem aventurados

os cegos, os mudos e os deficientes físicos,

silenciando gestos na loucura dos homens do asfalto.

os exilados e ausentes, saudosos da família e do chão pátrio,
longe dos seus mas sempre e jamais tão perto e tanto.

Paciência

muita paciência, humanos e normais

com as criaturas sem sal que se dizem puras e castas

com os falsos apóstolos, em cuja alma queima o sol
da perfídia e a fome do dízimo

os que desprezam as crianças e os velhos

os avaros de inúteis aparências e cifras

os que não sabem pedir perdão, os donos da verdade
afogados no macro universo das neuroses.

os incapazes de lagrimar de alegrias

os enclausurados na tristeza, sem tempo para ver a luz da lua

os que desconhecem que a felicidade é dom da vida

e os infelizes que acham que a tristeza é normal.

Bendito

os que apreciam a brisa, o mar, a montanha, o pantanal

os que derramam claridade, vida afora, pelos eternos olhos de menino.

Bem-aventurados os homens normais

que sentem desejos pelas mulheres bonitas

e as mulheres bonitas que na concha do sexo ressuscitam vaidosas,

saciadas no amor, a possibilidade dos netos.

Bendigo

as mulheres grávidas dos filhos já dispersos, solidão de mãe,

saudosas da impossibilidade dos retornos uterinos.

as crianças abandonadas, sozinhas, vagando praças, como veleiros sem portos.

Felizes

os que tem piedade

os que souberam partir com sofrimentos prolongados

e já estão purificados em serenidade.

Os que confessam seus pecados todos os sábados à tarde e voltam a pecar nos domingos
pela manhã

e os que ensinaram a meu pai cantigas de ninar

que ele repartiu comigo embalando meus sonhos.

Bendigo

a mulher, companheira anunciada na minha poesia

que dorme comigo, nua e pura, todas as luas

e as que andam léguas de estradas

sofrendo a dor de caminharem sozinhas.

Bem-aventurados
os homens normais
que vencem tempos de febre, cólera e privações
com gosto de framboesas na boca
(estrelas na escuridão, panelas vazias em brasas sangrantes)
os que nas águas primeiras dos rios da adolescência
perderam o temor das redes e rebojos sem perder a ternura
o homem que aprendeu a ler, soletrando com seu avô, alfabetos de acalanto.

Ditosos
os que estão sem teto,
os que moram embaixo de pontes, em barracos de papelão
e sabem repartir dramas e aconchegos
os irmãozinhos pobres que tem pouco mas sabem muito nas grandes coisas simples.

Benditos
os exilados e os ausentes longe dos seus mas sempre e jamais
tão perto tanto
o companheiro com gestos de pluma, voz no silêncio, que disfarça a dor em canção.

Bem-aventurado
seja Deus que nos deixa livres
despidos e sozinhos de frente com a nossa consciência...
E por fim,
bem-aventurados
todos os felizes no instante posterior da leitura desta louvação

Os demais já estão mortos e não sabem...

Glaura

Homenagem ao poeta inconfidente
Manuel Inácio Silva Alvarenga (1749-1814) e sua musa.

Quando anoiteceu em meu olhar
a tua boca
 beijaflorou
 meus lábios
tão suavemente
que despertei
 argonauta
velejando um céu índigo de estrelas
no mar azul safira
 dos teus Olhos maiúsculos.

Sentimentos no re(verso) do espelho

2º lugar no V Prêmio Nacional Escriba de Poesia - Piracicaba/SP - 1998

Menção Especial no Prêmio "Mutirão de Poesia" SRR Editor Porto Alegre/RS - 1998

Triste

é o teu canto

Ouçõ.

Eco na minha alma
mesmo quando forem mudas
(amor plantando silêncios)
tuas palavras e cantilenas...

Triste

é o teu sonho

Penso.

Eco na minha solidão
calando dolentes violinos
(pranto adoecendo percursos)
teu sono inventa caminhos...

Triste

é o teu medo

Sinto.

Eco no meu coração
soletrando distâncias e brisas
(flama escondendo saudade)
da tua vida na minha morte...

No meu espelho fenece um menino...

Alegre

é o meu canto

Ouçõ.

Portal de esperanças
perfumando destinos e trilhas
(andor de travessias e andanças)
dos meus remotos tempos de criança...

Alegre

é o meu sonho

Penso.

Portal de enseadas
abrigando meus naufrágios
(no desafio das lembranças)
em águas desfraldadas...

Alegre

é o meu medo

Sinto.

Portal de verão
repartindo pão e paisagens
(dor e fome não invento)
minha alegria viaja... verbos no tempo.

No meu espelho floresce um menino...

"Todo ser possui a sua própria
verdade
sem sequer confrontá-la no espelho"
Pilatos
Solange B. Ribeiro

O anagrama de Nalu

Tenho em meu peito arfante, bem guardado,
um amor imortal. Verdor segredo
de culpa abissal, nunca revelado,
como o clamor convulso de um rochedo.

Lenitivo de ardor (céu sublimado)
é um refúgio para a dor. -- Brinquedo
que levo na minh´alma bem gravado:
um nome de mulher que me faz ledado.

E aqui neste anagrama, recolhido
de uma alquimia profana, sem engodo,
da libido febril que agora aludo...

´stá oculto meu amor comprometido
que Luma ao ler... dirá de oblíquo modo
-- "Essa mulher quem é?" E eu fico mudo.

* O anagrama de Nalu é Luna. Poderia ser Beliza – Izabel, Luana – Analu, Caterina – Natércia.

- As rimas foram curiosamente feitas em ado, edo, ido, odo, udo.

Soneto

Uma mulher existe na minha alma
e ilumina meus passos como estrela...
É tão secreta, esta mulher que ao vê-la
meu coração dispara e perde a calma.

'stá distante. Quase não lhe falo. Com desejos
sempre me escreve cartas com saudade...
Ela é no meu fadário a felicidade
Se a merecer... vou cobri-la com beijos

Sendo mulher... repleta de pendores
vai, por certo, abrandar as minhas dores
como um sol colorindo a nova aurora.

Por isso faço as malas... estou de viagem
Esqueço compromissos, compro a passagem
Eu quero esta mulher na minha vida. Agora.

**“Uma mulher caminha nua pelo
quarto
é lenta como a luz daquela estrela
é tão secreta uma mulher que ao vê-la
nua no quarto pouco se sabe dela
...
o homem que descobre uma mulher
será sempre o primeiro a ver a
aurora.”**
O Perigo do Dragão p.13 6ª ed. 1986
Bruna Lombardi

Mestre Otaviano

Passarinho vestido de brisas
pescador de estrelas cadentes

Índio xucro
de olhos claros

não sabe escrever o nome
nem conhece a Capital...

Cativo na sua mudez
tem uma refulgência divina

Olha com a altivez da raça
sempre pleno de transparências

Chiru vaqueano da estirpe gaudéria
tropeando luas e transplantando falas

Índio xucro
de olhos claros

não sabe escrever o nome
nem conhece a Capital...

Neste mundo de trabalho
mora em cima do cavalo

alfabetizando rebanhos...

Solidão Provisória

Resignado

Com vozes anônimas indormidas
De marulhos e procelas oceânicas
No mouco bôjo dos búzios
coleciono tuas lâminas de ausencias
ao sol da tua contemplação.

Resignado

Com a ilusão da tua alma
Fábrica dos delitos no teu interior
Invadindo a epiderme dos teus mistérios
ao sal da tua contemplação.

Resignado

Com a ressonância anjoazul do teu passado
Tatuagem na tua frágil existência
Aceitei os desígnios abstratos dos teus pecados
a soletrar palavras secretas da tua confiança.
ao céu da tua contemplação.

Resignado

Naveguei nos litorais da tua silhueta
E penetrei no fadário dos teus sentidos
para habitar a tua carne e os teus sortilégios
ao sul da tua contemplação.